

Laroyê! eu vim saudar
a força do caminho,
meu caminho caminhar
Laroyê! eu vim cantar
a força do caminho,
pro meu povo saravá
[...]

(Saudação a Exú - Dona Conceição ft. Jihé /Thomas Orít)



Figura 1: Corpo aberto na
Encruzilhada – Jesse da Cruz
Crédito: Pedro Gottardi

Abrindo os caminhos, encontrando as encruzilhadas e girando nas batidas ancestrais é que iniciamos um diálogo neste dossiê repleto de representatividade, potência, articulações corporais e *ebós* epistêmicos. (Desen)titulado entre “CORPOS, SABERES E ANCESTRALIDADE: DECOLONIALIDADE DAS ARTES E SABER(ES) DO CORPO”, provoca-nos a desenhar estruturas outras e nomear novos rumos da pesquisa em e com Arte, que transversaliza nas encruzilhadas de outros aromas de conhecimento.

O aroma da sensibilidade, da feitura e principalmente do poder do conhecimento, pois são das folhas que damos sabor ao alimento, que nos provoca aromas e sensações diversas em um *bori* de possibilidade de escreleituras.

O discurso e pensamento decolonial que varia do deco, desco e decu, como prefixo de problematização científica e fazer (des)estruturante colonial, parte de uma perspectiva de vida, científica e teórica em contraposição aos movimentos acadêmicos construídos no processo de eurocentralidade do saber, fazer e ser. Este dossiê está entre as fissuras e rachaduras do sistema acadêmico e científico que se articula na geopolítica de um conhecimento universal, processo de genocídios e epistemicídios de saberes e fazeres que não cruzam ou desvinculam a universalidade colonial na pesquisa e no fazer arte.

Diante deste movimento de ampliar as rachaduras, a estética deste dossiê permeia uma formatação que rompe com os traços contínuos dos públicos da revista. Refiro-me ao fundo preto e as letras em branco, a partir de estudos mergulhados em Franz Fanon, Aimé Césaire e Lélia Gonzalez que nos potencializa como conhecimento afrodiaspórico e artísticos histórico, ancestral e futurista.

A reflexão na estrutura estética de perspectiva de(o-u)lonial se faz com a maior população do mundo, são povos com diversidades de um colorismo de conhecimento, que não se enquadram no aprisionamento do pensamento colonial. Esta estética é um protesto artístico/científico para todos os saberes apagados pela colonialidade, fazendo-nos refletir a importância de um girodecolonial nas bases da educação e nos referenciais universitários. Precisamos ler, ver e discutir epistemologias outras que não operam na colonialidade.

Tais narrativas, contextualizações e registros da colonialidade conduzem para o silenciamento, para a opressão e é gerador de subjetividades dominantes e subalternizadas. Como nos provoca Audre Lorde (1977) “o fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam muitos silêncios para romper”.

Nesse contexto de provocar rupturas estruturais e a decolonialidade em interlocuções pretas, uma parte deste dossiê reúne pesquisadoras e pesquisadores, profissionais das Artes que transitam por diversas linguagens e sistemas outros como a Educação, a(r)tivistas e militantes educacionais, culturais e artísticos, que promovem uma articulação epistêmica a partir de referenciais dec(o-u)loniais para pensar a arte, a ruptura do sistema e principalmente a ditadura do pensar, fazer e ser onde a colonialidade (QUIJANO, 2000) opera.

No segundo movimento deste dossiê encontramos e trilhamos caminhos *artográficos*, e, como este encarnado que escreve e coordena este dossiê se reconhece como artógrafo, faz-se necessário uma prévia apresentação e compreensão, como ponte de decolonialidade metodológica, para que leitores(as) possam saborear e degustar metodologias possíveis em e com Arte.

Metodologias de pesquisa com bases estruturais nas Artes e suas possíveis transversalidades são cada vez mais compreendidas no universo acadêmico, potencializando a criação e a legitimação de pesquisas diversas. As mais conhecidas surgiram com base na Investigação Baseada em Arte

Figura 2: Artografia de um Devir Preto – Jesse da Cruz
Crédito: Pedro Gottardi

(IBA) e na Investigação Educacional Baseada

em Arte (IEBA), traduções livre dos termos Inglês: Arts-based Research (ABR) e Arts-based Educational Research (ABER), e do termo em espanhol Investigación Basada en las Artes (IBA).

Dentre estes caminhos surgem a *a/r/tografia*, que, conforme uma das percussoras e coordenadora de um grupo de pesquisa-ação no Canadá e criadores do termo e método de pesquisa, é definida da seguinte forma: “A *A/r/tografia* é uma pesquisa com base na prática e apresenta as ideias do artista, do pesquisador e do professor: A, R, T em referência ao *Artist, Researcher e Teacher* (Artista, Pesquisador e Professor)” (IRWIN, 2016).

É neste momento que texto e Arte se integram e promovem encruzilhadas diversas, pois podemos pensar no tipo de escrita que elaboramos ou a respeito do texto e da arte nas pesquisas que fazemos. Esta triangulação tem como ponto chave, enfatizar a produção cultural da arte em sua diversidade, rompendo e problematizando metodologias hegemônicas e normalizadas.

Na apresentação deste editorial serão inseridas imagens dos autores/as que foram convidados/as e aprovados/as para publicação, promovendo uma aproximação dos/as/es leitores/as com o dossiê. Esta característica nos possibilita trazer estéticas e identidades de corpos que se submetem a pesquisar neste país chamado Brasil, com ‘s’.

A/r/tógrafo encarnado, Jesse da Cruz, filho de Valdecir Francisco da Cruz (conhecido como ‘índio’ ou ‘Tião’) e Maria Rosa Bueno Camargo Cruz (conhecida como ‘preta’ ou ‘tia da cantina’), cis-gênero, homossexual, cafuzo de pele clara que se faz na arte, na pesquisa e na educação, deslocando a estrutura intencionalmente para, em conjunto com a *a/r/tografia* e as perspectivas dec(o-u)lonial, possa explorar métodos outros que se tornam possíveis para falar do seu corpo e de sua encruzilhada latina, brasileira.

O dossiê se apresenta com assuntos que servem como uma orientação e ajudam a ampliar o entendimento de pesquisas que se baseiam em conceitos, processos e formas de representação das artes e da dec(o-u)lonialidade, provocam suas interlocuções conforme as categorias e eixos dispostos em: 1. Corpo, corporeidade e diversidade na Educação; 2. Epistemologias e metodologias negras decoloniais e antirracistas; 3. Teatralidade,

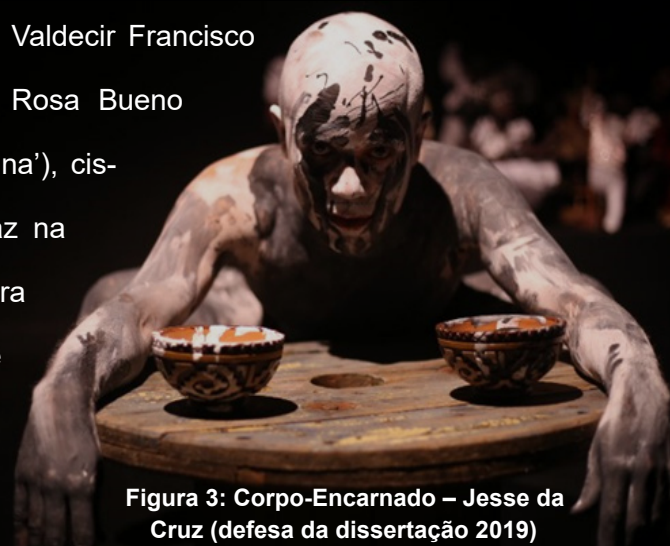


Figura 3: Corpo-Encarnado – Jesse da Cruz (defesa da dissertação 2019)

Crédito: Arquivo Pessoal

dramaturgia do corpo, práticas e saberes decoloniais nas Artes Cênicas; 4. Artografia; 5. Antropologia da Dança como possibilidades ancestrais estéticas; 6. Corpos resistentes: provocações estéticas nas Artes; 7. Saberes ancestrais na composição cênica; 8. Práticas e saberes decoloniais sobre o corpo no Cinema e nas Artes do Vídeo.

Este dossiê é composto de 4 seções, estando no eixo 1 os artigos enviados para a seção temática, no eixo 2 uma entrevista produzida pelo encarnado deste dossiê, no eixo 3 artigos da seção *outros temas* e, por fim, no eixo 4, uma resenha do curta-metragem “Swinguerra”, obra recifense que transita entre uma manifestação popular periférica.

Nos eixos 1 e 2, que entram como sessão temática, são (desen)titulados “*Corpos, Saberes E Ancestralidade: Decolonialidade Das Artes E Saber(Es) Do Corpo*” sendo compostos de 11 trabalhos, sendo 10 artigos de ampla diversidade que dialogam com a proposta temática e 1 um artigo entrevista que nos apresenta possibilidade de ‘*macumbadança*’, por intermédio do professor doutor Igor Fagundes, da UFRJ, o qual foi provocado pelo encarnado deste dossiê.



**Figura 4: Pesquisadora Doutora
Julianna Rosa de Souza
Crédito: Arquivo Pessoal**

Pedindo licença a todas matriarcas e ancestralidades apresentamos a iniciada Doutora Julianna Rosa de Souza, preta, ativista e lésbica que despacha seu artigo intitulado “*ESCREVER COM O CORPO E A MEMÓRIA ANCESTRAL: A DRAMATURGIA DE AUTORIA DE MULHERES NEGRAS NA CENA CONTEMPORÂNEA*”, que nos convida a conhecer e retirar da invisibilidade cênica mulheres escritoras, dramaturgas e criadoras protagonistas negras, cujos signos e símbolos afrodiaspóricos e afro-brasileiros estruturam o alicerce de suas escritas. Mulheres como a autora que nos mobiliza para um

reconhecimento e conhecimento para ler do teatro negro, são elas Cristiane Sobral, Dione Carlos, Luh Maza, Viviane Juguero, Sol Miranda, Leda Maria Martins, Grace Passô e Maria Shu.

Em seguida gingamos pelo texto “FLOREIO NA CAPOEIRA: ENCANTAMENTO E DESENCANTAMENTO”, de autoria da capoeirista e pesquisadora Doutora Lívia de Paula Machado Pasqua, que nos apresenta um ensaio de sua tese de doutoramento intitulado “Capoeira e diáspora africana: uma interpretação sobre os floreios”, dialogando entre o fazer pesquisa com as manobras capoeirísticas, refletindo sobre o contexto da diáspora africana, a migração forçada de pessoas escravizadas, as armas necessárias para combater a opressão, a luta e a resistência, a complexidade de diferentes estéticas ancestrais presentes na gestualidade da Capoeira e a beleza e encanto expresso pelo floreio, pelo florear e pelo floreado.

Após estes floreios afrodiaspóricos o *griot* mestrando Carlos Alberto Mendonça Filho nos provoca a partir da análise do processo criativo

Figura 5: Pesquisadora Doutora Lívia de Paula Machado Pasqua
Crédito: Arquivo Pessoal



17



realizado em “Memórias duma Baobá”, obra produzida pelo Coletivo Ëmí Wá da cidade de Curitiba/PR no ano de 2020, na qual o *griot* assina como dramaturgo, mote a partir das memórias negras e suas interfaces afetivas e políticas enquanto atos de resistência contra o esquecimento e contra as narrativas únicas. O texto do dossiê se intitula “MEMÓRIAS DUMA BAOBÁ”: A ESCRITA DRAMATÚRGICA NEGRA COMO POTÊNCIA DECOLONIAL”.

Figura 6: Pesquisador Mestrando Carlos Alberto Mendonça Filho
Crédito: Arquivo Pessoal



Figura 7: Pesquisador
Vitor Cardoso da Rosa
Crédito: Arquivo Pessoal

Continuando a partir dos saberes da Baobá, Vitor Cardoso da Rosa, homem negro, catarinense, que emerge do hip hop e experiencia seu corpo em diversas provocações cênicas, encontra-se com a Doutora Nara Cálipo para em uma partilha coletiva no despachar de um *ebó* intitulado “*DIANTE DO EXISTIR: DANÇANDO A DECOLONIALIDADE*”, que, a partir do método de pesquisa experimental, o “Bailarino-Pesquisador-Intérprete” objetiva instaurar uma discussão acerca da colonialidade na dança, trilhando uma hipótese possível para a decolonialidade do movimento do corpo que dança, cria e investiga. Tal caminho situa-se na imersão na grafia do corpo, esta como deflagradora da colonialidade ao expor memórias, traumas e demais inscrições corporalizadas.

E no discurso com base na decolonialidade o Mestrando Henrique Cesar Hokamura Silva e a Doutora Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra), a partir do processo criativo de uma dança solo com base nos estudos sobre a exposição *Levantes*, concebida por Georges Didi-Huberman e fundamentada em bell hooks, Frantz Fanon e Grada Kilomba, um dos autores – o intérprete-criador-pesquisador – percebe-se diante de um paradoxo: agressividade é sinal de resistência? O texto “*O CUIDADO COM A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM CENA: CORPO-IMAGEM COMO GESTO DECOLONIAL*” resulta em repertórios gestuais e matrizes corporais movidas por aquilo que, a princípio, intitulou-se de violência poética, mas que passa a ser compreendido como gesto decolonial por implicar uma ação de cuidado com a representação do corpo negro em cena.

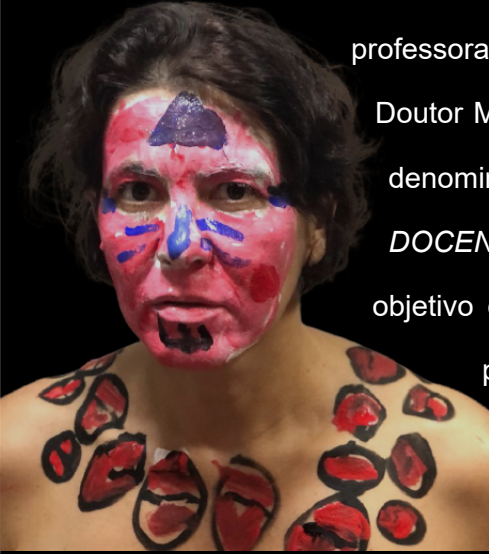


Figura 8: Pesquisadora
Doutora Carla Carvalho
Crédito: Arquivo Pessoal

Adentrando as questões artográficas, um dos pontos temático do dossiê, a professora doutora da Universidade Regional de Blumenau, Carla Carvalho e o

Doutor Marco Aurélio Cruz e Souza inquietam-nos com sua escrita

denominada “*A/R/TOGRAFIAS: CORPOS DANÇANTES, DOCENTES PESQUISADORES EM FORMAÇÃO*”, cujo

objetivo é refletir sobre aspectos que se entrelaçam no

processo de formação de um artista, professor,

pesquisador na área da dança, diante da

análise de três pesquisas em Arte que se

utilizam da artografia como metodologia de

pesquisa, podendo-se afirmar a potência da

a/r/tografia na formação nas licenciaturas em arte

numa relação entre a pesquisa e o processo de formação docente, o que

afirma a condição da pesquisa enquanto princípio educativo.

“*PARA ALÉM DOS LIMITES DO DIZÍVEL: A EXPERIÊNCIA DO CORPO EM UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA*”, texto do Doutor Vinicius Torres Machado e da Atriz-Professora Giovanna

Galisi Paiva, discute a necessidade de se incluir a diversidade de experiências dos

corpos na educação, refletindo sobre a importância dos espaços de silêncio que

aproximam o caráter indizível e irrepresentável das experiências traumáticas do

processo pedagógico, com base nos estudos decoloniais que apontam como

o discurso da história dominante da colonização encobriu a perspectiva dos

povos colonizados. Um grito sobre o silêncio.

O próximo texto configura-se como uma reflexão revisitada de um

subcapítulo exclusivo da tese do Doutor Daniel dos Santos Colin, (PPGT-

UDESC), intitulada “O sul do corpo é o nosso norte’: práticas deCULoniais

em corpos de artistas brasileir*s” (2019). Neste recorte nomeado “O CU-

ESPORPIÃO DE BRUNA KURY COMO ARTIVISMO

DESCOLONIZATÓRIO CUIR”, o texto reporta-se à análise crítica-

decolonial de duas *performances da faca* produzidas e executadas pela

artista brasileira Bruna Kury respectivamente na Cidade do México



Figura 9: Pesquisador Doutor
Marco Aurélio Cruz e Souza
Crédito: Arquivo Pessoal

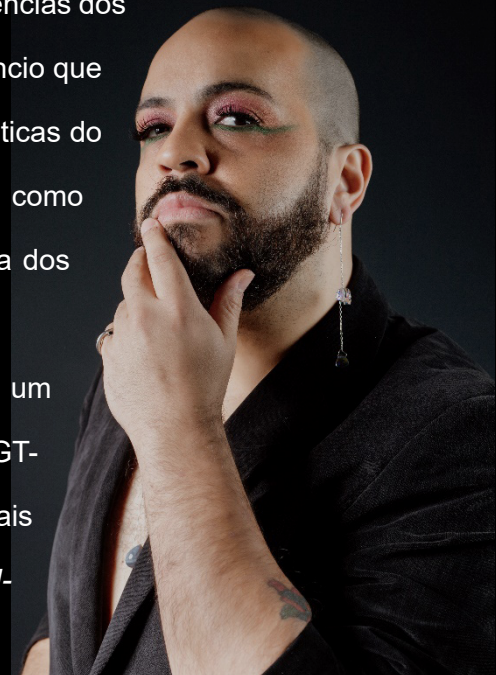


Figura 10: Pesquisador
Doutor Daniel Colin
Crédito: Douglas Barcelos

(México) e no Rio de Janeiro (RJ-Brasil) em 2017, expondo alguns dos meios pelos quais o neologismo *CUir* se apresenta como uma perspectiva política situada geohistoricamente na América Latina em detrimento das assimilações acadêmicas e higienistas da teoria *queer* estadunidense em nosso território, e, ainda, refere-se às práticas teóricas e empíricas desenvolvidas por sujeitos sudakos das dissidências sexuais e de gênero.

O texto a seguir, da Mestra Eleonora Camargo de Mendonça, “*DANÇA, VÍDEO E EPISTEMOLOGIAS ALTERNATIVAS: RAQS EL SHARQI EM WE SPEAK DANCE*”, promove um revisitado à dissertação “O corpo que dança na tela: um olhar pós-colonialista sobre cultura e representação em *We Speak Dance* (2018)”, agora sob a perspectiva dos estudos de gênero e interseccionalidades, lançando o olhar para três dançarinos do episódio Beirute, a partir da dança *Raqs el Sharqi* (conhecida como “Dança do Ventre”) e sob duas provocações: as ideias de intersecção representacional e epistemologias alternativas.

Finalizando o décimo texto do dossiê temática despachamos o texto “*DE FEBRE DO RATO ABOLSONARO: CORPOS DESNUDOS VERSUS O AUTORITARISMO FARDADO*”, do pesquisador

Felipe Alexandre Moura Cosmo, que busca propor a hipótese de que o terceiro longa-metragem do diretor pernambucano Cláudio Assis, *Febre do Rato* (2011), a partir de sua temática visual e de sua construção narrativa, antecipou as jornadas de junho de 2013, a reação violenta às manifestações por parte da polícia e o surgimento do bolsonarismo como força política a partir da confluência de fatores sociais, políticos e econômicos. As reflexões são marcadas nas manifestações de cunho apartidário, na crescente militarização dos espaços urbanos e na violência policial, deixando entrever o surgimento do sentimento antipolítica no bojo da sociedade e a ascensão da extrema-direita nas eleições de 2018.

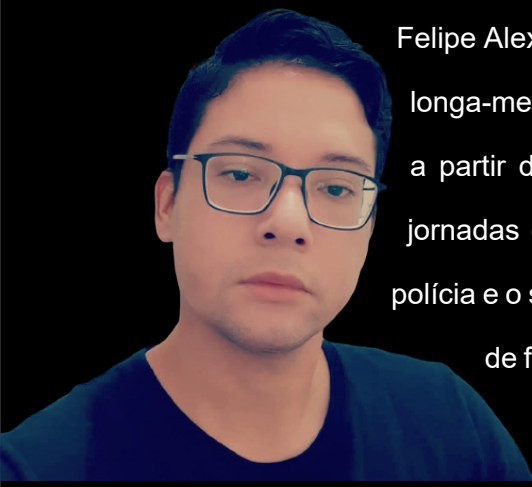


Figura 11: Pesquisador Felipe Alexandre Moura Campo
Crédito: Arquivo Pessoal

Para que o *xirê* temático seja completo recebemos pelas mãos deste encarnado que cruza as narrativas e dramaturgias do dossiê temático, a entrevista “*MACUMBANÇA: ẸNI BÁ Ẹ OUN TÍ ẸNÌKAN Ò Ẹ RÍ Á RÍ OHUN TÍ ẸNÌKAN Ò RÍ RÍ, UM EBÓ EPISTÊMICO NA ENCRUZILHADA COM IGOR FAGUNDES*”. Professor Doutor Igor Teixeira Silva Fagundes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua como docente no departamento de Dança da mesma instituição. É um

Umbandista que vem discutindo em conjunto com outros/as pesquisadores/as a macumba na cena científica, seja no viés da religiosidade, espiritualidade, na cena das artes, na biologia e entre outros campos que as religiões de matriz africana podem nos deslocar.

A entrevista é guiada por questionamentos acerca do último livro publicado pelo convidado, intitulado “Macumbança”, e suas possibilidades de pesquisa em Dança e relações de matrizes africanas. Os questionamentos desta encruzilhada passaram pelo: Quais são as intenções e provocações desta *Macumbança* vemo-nos diante dos três momentos para nos colocar em um ambiente de compreensão e saber a partir da cosmovisão dos terreiros ou da filosofia africana/terreiro. Como se divide estes movimentos e quais análises/provoações são propostas?; Quais são o segundo e terceiro movimento e como as conexões entre estas movimentações provocam um *ebó* epistêmico?; Como pensarmos, na práxis, a decolonização na perspectiva de *Exu*?; e Quais potências e possibilidades podemos vislumbrar para epistemologias não europeias em pesquisas com corpos brasileiros?

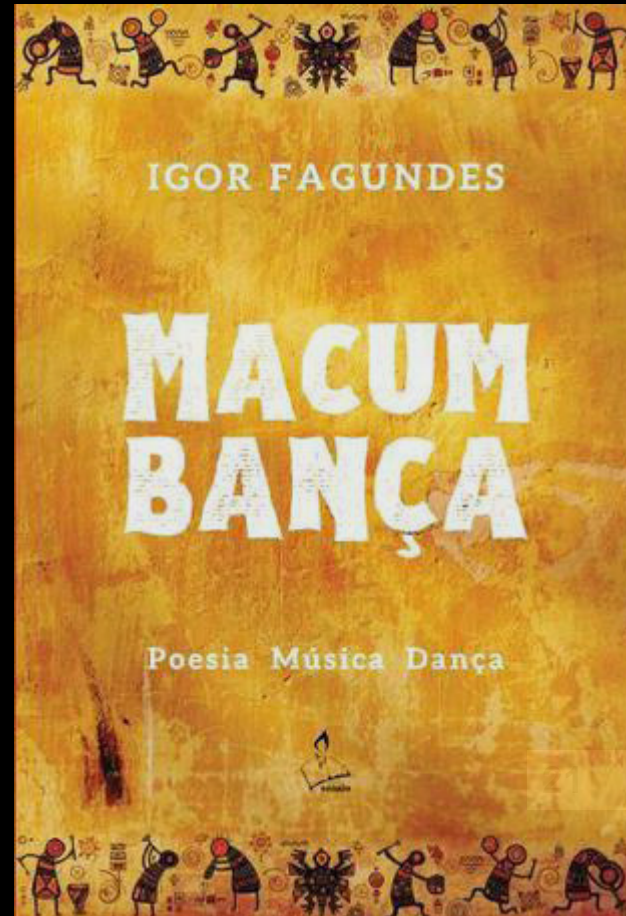


Figura 12: Capa do Livro – “MACUMBANÇA”
Crédito: Livre Internet



Figura 13: Coordenador do Dossiê – Jesse da Cruz
Crédito: Arquivo Pessoal

Dedico este dossiê temático a toda ancestralidade africana, que nos oportunizou um legado imensurável; aos intelectuais/artivistas da educação e dos movimentos negros, que mantêm viva a luta e o sonho de um espaço formativo comprometido com a transformação das estruturas coloniais, eurocêntricas, racistas e elitistas que limitam a autonomia política, socioeconômica e cultural da sociedade brasileira. Mas, principalmente, a todos/as/es nós, corpos pretos que ocupam os lugares que legitimamente não foram criados para ocuparmos.

Convido a todes/as/os terem uma leitura reflexiva, provocadora e principalmente que desloque seus corpos/as e desestruturem narrativas lineares e eurocentradas. Que a artografia possa fomentar a arte de dentro para fora, um cruzo surgente da extremidade, da periferia e que a dec(o-u)lonialidade reviva em nossos saberes e fazeres o griot que habita em todes/os/as. UBUNTU!

Jesse da Cruz
Organizador do dossiê